

com a língua propriamente dito. Tal abordagem metodológica atualmente se tornou para muitos questionável, no que possuem alguma razão, visto que a língua sempre já existia antes da gramática e a anteposição de um sistema gramatical inverte essa situação. Tal objeção fundamental, no entanto, não vem em detrimento considerável do Hollenberg, porque, por um lado, ele está tão ricamente aparelhado com exercícios que oferece ao professor toda a liberdade para qualquer forma de ensino, e por outro lado porque as tentativas mais recentes de uma introdução "funcional" na língua hebraica ainda estão ensaiando apenas os primeiros passos.

Em especial considere-se o seguinte: Poderia ser reduzido o número dos trechos de tradução do português para o hebraico. A apresentação da fonética (§§ 11 e 12) é bastante comprimida e requer em todos os casos uma complementação detalhada. Demais resumida revela-se a tabela II (sufixos no verbo), que sobrestima a capacidade associativa do principiante. Seria recomendável acrescentar às tabelas dos verbos e substantivos os números correspondentes aos parágrafos explica-

tivos, a fim de evitar buscas desnecessárias. O paradigma principal gatal, que aparece apenas três vezes no hebraico bíblico, deveria sem dúvida ser substituído por outro que exemplificasse melhor a estrutura silábica.

Continuam constituindo o valor positivo do livro a apresentação precisa, sinótica e compreensível da matéria gramatical, os amplos vocabulários anexos, bem como o grande número de textos hebraicos comentados para exercícios, que inclui também textos de Qumrá. O número de vocábulos (cerca de 600) pode ser considerado suficiente. Da mesma forma a gramática oferece de modo conciso o necessário para a sintaxe hebraica. Pode ser tomada como base, tanto para cursos que durem, nos extremos, dois meses como também dois anos.

Por isso precisa de ser bem-vinda a aparição desse livro de ótima qualidade no contexto lingüístico latino-americano. Despertou, desde então, o interesse de outros seminários do Brasil, encontrando já aceitação, e sem dúvida merece tal atenção. A tendência do Hollenberg pelo "evergreen" não é absolutamente infundada.

Klaus Homburg

Hans-Peter Alt e
Claus Juergen Roepke — *Crer Hoje*
Editora Sinodal, 1973, São Leopoldo

Sabemos que pela nossa "própria razão ou força não podemos crer em Jesus Cristo, nosso Senhor, nem vir a ele". Mas sabemos também que o caminho para a fé não é de tal natureza que a inteligência tenha de ser excluída. O homem, cada vez menos, está disposto em "sacrificar" o seu intelecto. Isso é um traço simpático e altamente positivo. O homem tenta levar uma vida de completa honestidade diante de si e de Deus. Por isso ele não pode aceitar nem mesmo a mensagem da salvação sem raciocinar criticamente. "Hoje em dia

pede-se informações bem fundadas sobre a fé" (p. 6). Elas se tornam uma necessidade, uma vez por causa do espírito crítico do homem e outra, pelo fato de vivermos numa época em que as mais diversas opiniões teológicas se tornam conhecidas de todos. Surge entre os membros das comunidades a pergunta: Como devemos entender as confissões de fé com as quais vivemos desde criança? Parece que hoje se ensina tudo diferente!

"Precisa-se de subsídios para poder compreender as considerações complicadas da teologia ho-

dierna, através do processo de refundi-las na linguagem corrente e no horizonte inteligível do nosso tempo" (p. 6). Temos aí a intensão de "Crer Hoje": Explicar o Credo Apostólico assim que ele possa vir a ser um auxílio para uma vivência cristã nos nossos dias.

Em alguns capítulos os autores mostram, de uma maneira brilhante, como afirmações historicamente condicionadas não são ultrapas-

sadas. Tomemos como exemplo as interpretações das afirmações cristológicas. Com suficiente clareza é explicado o que se queria expressar com "nascido da virgem Maria". Achamos que "Crer Hoje" pode ser um excelente auxílio para o diálogo com pessoas que refletem e que procuram um aprofundamento na fé.

Mag. theol. Ervino Schmidt

Lagoa Serra Pelada, ES